

**IV SIMPÓSIO
LUSOBRASILEIRO DE
CARTOGRAFIA HISTÓRICA****IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica**

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

Luís Saldanha Martins- lpsm@sapo.pt
DG – Faculdade de Letras
Universidade do Porto**Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo**

Palavras-chave: livros-guia; cartografia; viagens; turismo / Guide-book; cartography; voyages; tourism

Resumo: Pretende-se, neste texto, demonstrar que existe uma forte relação entre o crescimento dos guias de viagem, o aumento da cartografia incluída nessas publicações e a divulgação das viagens no «continente», alargando a prática do «grand tour» para além do “tourist” em formação. O estabelecimento da paz, a melhoria das vias e dos meios de transporte, bem como o aumento da velocidade, constituíram razões imediatas para algumas das mudanças ocorridas que permitiram promover e reforçar o gosto pelas viagens ao longo do século XIX, com consequências evidentes nos aumentos registados.

O ambiente de época bem como alguma “tradição” que possa ter tirado partido da influência de obras publicadas ainda no século XVIII, permitiram alimentar e estender o prazer das viagens para lá da procura do conhecimento característico de setecentos. As condições criadas constituíram a pedra basilar em que foram firmados os processos precursores do turismo, numa muito estreita relação com a diversificação de guias, de autores, de editores, de produtores de cartografia ou de gravadores, num ciclo que talvez se aproxime do fim perante toda a panóplia tecnológica que torna obsoleta a utilização destes velhos companheiros de viagem. Com recurso a informação recolhida sobre alguns guias de viagem de referência, nomeadamente os guias Baedeker, é produzida uma leitura breve, ainda que elucidativa, de algumas das tendências verificadas bem como de alguns momentos de referência na utilização da cartografia à medida que aumenta o número de publicações.

Abstract: It is intended, in this text, to demonstrate that one strong relation exists between the growth of the traveller's guides, the increase of the enclosed cartography in these publications and the spreading of the voyages in the “continent”, widening the practice of “grand tour” beyond “tourist” on formation. The establishment of peace, the improvement of the roads and of transportation systems, as well as the increase of speed, had constituted immediate reasons for some of the occurred changes that had allowed to promote and to strengthen the pleasure of voyages the long of XIXe century.

This epochal scenario as well as some influence of works published in XVIIIe century, had allowed to feed and to extend the pleasure of voyages for there of the search of the knowledge along this century. This basis conditions had constituted the fundamental element where the precursory processes of the tourism had been firmied, in one very narrow relation with the diversification of guides, authors, publishers, producers of cartography or engravers, in a cycle that perhaps is near the end facing all the technological innovations that turn out obsolete the use of these old partners of voyage. With resource of the information collected about the traveller's guides, namely the Baedeker's guides, is produced a short reading, despite elucidative, of some of the trends verified as well as of some moments of reference in the use of the cartography with the increases of the publication's numbers.

Autores e/ou editores como Baedeker, Murrey ou Joanne, lançaram ao longo do século XIX, em edições sucessivas e em versões crescentemente apuradas, guias de viagem que seriam transformados em instrumentos basilares do turismo actual. O modelo construído, foi transformado num padrão vulgarizado entre as editoras e apreendido pelos viajantes, ou potenciais viajantes, que reconheceram a utilidade destes livros guia na preparação ou no apoio a viagens realizadas, sobretudo, no continente europeu.

Ao longo do século XVIII, de qualquer forma, são já numerosas as publicações disponíveis com conteúdos que variam entre os relatos de viagem, a abordagem geográfica e os protótipos dos livros guia. Constituem obras de registo de conhecimentos, de divulgação de experiências e de apresentação de novos territórios, já com assinalável sucesso entre a população europeia à procura de novos conhecimentos e informações.

Uma das principais alterações ocorridas neste período que poderá definir uma clara, ou no mínimo mais expressiva, tendência de evolução destes livros guia manifesta-se através do aumento do número de elementos iconográficos mas também, e sobretudo ao longo da segunda metade do século XIX, da cartografia associada às publicações.

Trata-se, antes de mais, da consequência directa de processos de inovação ocorridos na imprensa, com a tipografia ou a litografia, mas também em resultado do acumular de saberes através do aumento das viagens ou da mudança social e cultural que permitem o alargar do interesse por estas publicações.

Ao longo deste texto, tentar-se-á tornar evidente que a especialização da maioria destes guias foi incorporando, crescente e significativamente, suporte cartográfico. Esse suporte passou, igualmente, por mudanças de escala, e entre elas assistiu-se à inclusão de cartografia urbana. Depois da representação de algumas das regiões nos primeiros trabalhos publicados, a qualidade do detalhe aumenta, enquanto surge a cidade, primando pelo rigor e pela quantidade de plantas na exacta medida em que as edições vão acontecendo e os livros guia são estendidos a novos países ou regiões ou à medida que os levantamentos vão estando disponíveis.

A importância dos meios envolvidos será tão significativa que são as editoras com maior expressão no mercado e, por isso, com maior capacidade de penetração que alargam mais rapidamente a inclusão de cartografia, facto que por si só permite inferir da dimensão de meios necessários para ampliar esta vertente dos guias de viagem. Quando comparados com guias «independentes», uma das características que mais facilmente distingue uns e outros passa pelas diferentes formas de ilustração, ou pela inclusão de documentação cartográfica, em plano de evidência em muitas publicações, mais abundante e diversificada nos projectos editoriais com continuidade, a exemplo dos guias Baedeker.

A evolução do século XIX parece, assim, tornar evidente a sofisticação e especialização dos guias de viagem à medida que melhora a capacidade técnica de produção editorial, à medida que aumentam as deslocações e, em especial, à medida que aumenta a velocidade com que se deslocam os viajantes.

Dir-se-ia que guias, cartas e viagens, constituem um triângulo incitador e premonitório da actividade turística,

numa fase em que a difusão do fenómeno é ainda fortemente balizado pelo elegante «tour». Nestes trabalhos já não estará tão presente o gosto pelo conhecimento do século XVIII, definitivo e respeitável, preparatório inclusivamente do «Grand Tour» (NUGENT, 1749), mas antes a divulgação de locais a visitar com percursos a realizar, não apenas por uma aristocracia a consolidar o processo de formação, mas antes por europeus em actividades de lazer (ou ócio) à procura de «delícias» (ROGISSART, 1706; COLMENAR, 1707), para saborear, ou do «indispensável» (PEQUEGNOT, 1842), a visitar. Encerra-se o período dos viajantes ilustrados e inicia-se o período dos viajantes românticos despreocupados.

A paz e a prosperidade europeias, alicerçam as componentes da mudança, a exemplo da velocidade, do arranque de exposições universais ou do culto cosmopolita, enquanto a vontade de conhecer novos mundos amplia um vasto mercado de livros guia que são editados em Londres (Murrey, Leigh e O'Shea) ou em Coblentz (Baedeker) e Paris (Maison e Galignani), sucessivamente mais sofisticados, com mais informação e mais especializada, tanto segundo uma perspectiva territorial como temática.

A evolução dos guias firma-se num modelo sucessivamente reproduzido até atingir um padrão estandardizado que aproxima de modo especialmente evidente o formato das publicações editadas, ao ponto de estes modelos, com reduzidas excepções “contaminaram” os guias actuais. Entre as várias alterações que vão sendo registadas torna-se particularmente evidente o aumento do peso da cartografia, em número, diversidade e qualidade da informação disponibilizada, facto que também torna patente uma existência consolidada entre viajantes – agora turistas – de uma literacia cartográfica que justifica a presença destes instrumentos de suporte ao turista. No entanto, é possível antever, até pelas transformações mais recentes a que se tem assistido, o fim anunciado deste fulgurante período de promoção e crescimento dos guias de viagem. Assim, se os guias tem uma existência de bastante mais de dois séculos, se contribuíram fortemente para a difusão da cartografia entre um publico mais alargado, para além de quem pudesse ter adquirido formação militar, se continuam pujantes, bem como a cartografia que os integra, também é evidente que foi atingido um limiar de mudança que não permite recuos e que poderá transformar esta cartografia, essencialmente o suporte mais comum em papel, em documentação tornada obsoleta face ao avanço irrecusável dos suportes digitais.

1. Guias de viagem – o turista levado pela mão

«... O principal objecto deste volume é tornar o viajante tão independente quanto possível dos proprietários da terra, cocheiros e guias, permitindo-lhe meticolosamente gozar e apreciar os objectos de interesse com os quais se cruza no seu tour» K. Baedeker, 1861, p. III.

Os guias de viagem têm uma existência longa de mais de duzentos anos. Antecederam, indubitavelmente, o turismo tal como é definido nos fóruns contemporâneos ainda que constituam parceiros de percurso do «tourist» que animou o espírito e a prática do «Grand Tour», povoando cidades e caminhos do velho continente europeu.

Os guias de viagem constituem, ainda, uma dimensão mais operativa da literatura de viagem, amplamente difundida com o Romantismo, e consequência directa da vulgarização do interesse geográfico que estimulava as

grandes viagens científicas do século XVIII.

O tema objecto deste texto tem, assim e à partida, uma quantidade significativa de ramificações, constituindo também por isso, como acontece com o turismo na actualidade, uma relevante bacia de confluência de saberes, domínios e subdomínios científicos, absolutamente essenciais e, com frequência, complanares e sobreponíveis mesmo quando reciprocamente se ignoram. Os estudos e os projectos – de literatura, cultura, história, património, geografia, cartografia ou turismo – são numerosos, formando uma nebulosa ainda em expansão, facto justificável em primeiro lugar pelo interesse que o tema continua a despertar ou, ainda, por um deslumbramento que pode afectar o estudioso e investigador quando mergulha em tantas obras até aqui “desconhecidas”, que renascem no exacto momento em que são colocadas «on-line», quando uma qualquer biblioteca disponibiliza a versão digital. Então, o admirável século XIX revela-se em todo o seu esplendor ficando o investigador preso numa teia densa de informações e processos que contribuem para o conhecimento de um percurso pontuado de motivos de interesse mas também, e sobretudo, para uma melhor compreensão do significado dos guias de viagem em décadas recentes.

Na actualidade, os guias constituem elementos fundamentais entre a panóplia de ferramentas que integram a bagagem do turista, difundindo através de um modelo estabilizado ao longo destes cerca de duzentos anos conteúdos simplificados e/ou simplificáveis de proximidade imediata, fáceis de aceder e entender, que em simultâneo certificam e sublinham o essencial e «obrigatório». Entre o “cuidado com os carteiristas” ao ambiente acolhedor de visita obrigatória, das poucas horas até aos vários dias, do bairro central à periferia ou do mercado popular ao museu especializado, uma infinidade de informações estruturadas por temática ou importância atinge o visitante com um frenesi que impele à descoberta da proposta de visita seguinte.

2. A explosão de guias

O número de publicações cresceu rapidamente ao longo do século XIX, com uma incidência muito especial a partir dos anos cinquenta, atingindo na actualidade números muito expressivos. Repare-se que a livraria Amazon.com a partir da chave de pesquisa “livro de viagem” referencia para Londres cerca de 3500 obras, cerca de 3100 para Nova Iorque e 1700 para Paris. Para as áreas turísticas portuguesas a distribuidora “on-line” identifica cerca de 180 para Lisboa, 150 para a Madeira e 110 para o Algarve¹. Na mesma linha de orientação a casa editorial Baedeker produziu entre 1850 e 1900, entre os registos conhecidos seguramente por defeito, quase 700 edições dos mais diversos guias de viagem, enquanto numa perspectiva mais académica o tema, desde meados do século XIX, tem suscitado interesse muito diversificado por parte dos investigadores, em especial aqueles mais direccionados para o turismo.

¹ Informação recolhida no endereço «amazon.com» em Setembro, revisitado em Outubro de 2011.

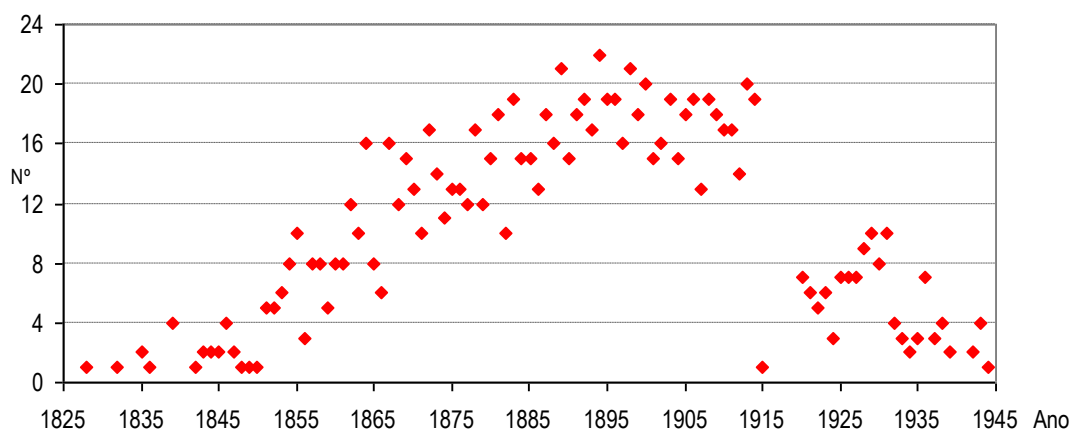


Figura 1. Evolução do número de edições da casa Baedeker (1828-1944)

Ou seja, desde as obras de arranque que marcaram as primeiras décadas do século XIX, contribuindo para definir a estrutura padrão dos guias de viagem, este domínio editorial tem mantido um crescimento muito significativo que no caso particular dos guias Baedeker teve o período culminante na última década do século XIX. De qualquer forma, a publicação e a edição constituem actividades amplamente divulgadas sendo muito variados os nomes e as casas associadas, assim como se vieram a revelar muito numerosos os autores de guias de viagem.

3. Antecedentes e apontamentos fundadores dos guias de viagem

As viagens de investigadores, exploradores e comerciantes, o aparecimento e crescimento da imprensa, a literatura, entre a descrição e o texto científico, constituem elementos basilares no aparecimento dos guias de viagem. Desde o século XVIII, todavia, são identificáveis guias de viagem com estruturas e formatos de apresentação da informação que se aproximam das obras consolidadas e vulgarizadas ao longo do século XIX.

Diversos textos surgidos no século XVIII, entre as obras consultáveis, representavam já uma primeira abordagem direccionada para o viajante individual como será exemplo «Les delices de l'Espagne & du Portugal»², da autoria de Juan Alvarez de Colmenar de 1707, numa edição referenciada a Leide (Leyden) com a responsabilidade de «Pierre Vander Aa». A obra foi apresentada na sequência da boa recepção por parte do

² A obra apresenta um subtítulo significativamente ilustrativo: «Les delices de l'Espagne & du Portugal, où l'on voit Une description exacte des Antiquitez, des Provinces, des Montagnes, des Villes, des Rivieres, des Ports de Mer, des Forteresses, Eglises, Academies, Palais, Bains, &c. De la Religion, des mœurs des habitants, de leurs fêtes, généralement de tout ce qu'il y a de plus considerable à remarquer. Le tout enrichi de figures en taille douce, dessinées sur les lieux mêmes, par Don Juan Alvarez de Colmenar». Na edição publicada em 1715 a última frase tem a seguinte redacção: «... Le tout enrichi de Cartes Geographiques, très-exactes & de figures en Taille-douce dessinées sur les lieux mêmes, par ...». As edições de 1707 e 1715 foram da responsabilidade do «Marchand Libraire» Pierre Vander Aa (Leide). Já em 1741, é publicada a obra «Annales d'Espagne et de Portugal, ...» igualmente por «Don Juan Alvarez de Colmenar» com a responsabilidade editorial de François L'Honoré et Fils (Amsterdam).

público das «delices de l'Italie»³ publicadas em 1706 em três tomos. A edição de 1715, «revûë, corrigée e beaucoup augmentée», apresenta o editor agora como «Marchand Libraire», acrescentando referências iniciais ao “enriquecimento” da obra através da inclusão de cartas geográficas “muito exactas”, elemento ausente das indicações de apresentação da edição de 1707. Na primeira edição avultam as “figuras” desenhadas “nos próprios locais”, afirmação que indicia, já à época, preocupações com a fiabilidade e autenticidade da informação representada (em alternativa a uma viagem imaginária como é possível encontrar em obras do século XVIII) e remete, por exemplo, para uma polémica relativamente recente a propósito do conhecimento, por parte dos autores de alguns dos guias actuais, dos locais que promovem, aproximando significativamente estes dois exemplos, separados por quase três séculos.

Já em 1741, no prefácio dos «Annals d' Espagne et de Portugal», igualmente da autoria de Juan Alvarez de Colmenar, quando é feita alusão a «Les delices...» é acrescentado que essa obra «étoit infiniment plus recommandable par les Figures, que par la description qu'on y donnoit de l' Espagne & du Portugal» (Annales, 1741, t1, p. IV)⁴. Os Annals foram editados em Amestardão na casa «François L'Honoré & Fils», pretendendo “enriquecer” a publicação com “cartas geográficas e muito belas figuras”. De qualquer forma, nestes trabalhos a procura de lugares exóticos e do pitoresco, como Capel sublinha, torna-se uma faceta bem evidente constituindo uma parte importante do interesse pelas viagens no século XVIII.

No «Grand Tour», com uma primeira edição datada de 1749, Nugent começa por sublinhar a importância da procura das descrições exactas e da notícia preciosa que não deverá escapar à curiosidade do viajante, componentes que se inscrevem na «novidade do método» utilizado na obra. A dimensão referente à formação constitui um aspecto incontornável, e ainda que admita que o «gentlemen» deva possuir alguns conhecimentos de geografia, como nem sempre será o caso, são apresentadas descrições gerais dos diferentes países, das pessoas, maneiras, costumes, língua, conhecimentos, arte ou religião, descrição da prosperidade ou declínio do comércio com referência às principais feiras. Entre os assuntos tratados merecem ainda menção a moeda, os meios de transporte, os horários das refeições ou os preços.

Geograficamente, as descrições das várias “jornadas” são iniciadas pela cidade capital, seguindo-se uma passagem pelas diferentes “províncias” até não deixar sem visita qualquer lugar merecer de notícia. Relativamente às descrições dos lugares notáveis “não foram poupados esforços” para as tornar as mais exactas possível, incluindo avaliações pessoais onde as relações de viajantes “aprovados” ou as notas dos melhores geógrafos não estivessem disponíveis. No final das descrições das cidades principais são feitas referências às estalagens mais significativas e às melhores “houses of accommodation”. Um outro aspecto que é

³ «Les Delices de L'Italie ou Description exacte de ce Pays, de ses principales Villes, et de toutes les raretez, qu'il contient... Enrichis de Figures en taille-douce» (1706). Em 1707 foram publicadas «Les delices de la Grand' Bretagne, & de L'Irlande: Où sont exactement décrites Les Antiquitez, les Provinces, les Villes ... La Réligion, les mœurs des habitans, leurs jeux, leurs divertissemens, et généralement tout ce qu'il y a de plus considerable à remarquer».

⁴ Apesar do comentário depreciativo constante nos «Annales...» sobre a extensão do texto nas «Delices», comparando por exemplo o conteúdo dedicado ao Porto, os dois textos são exactamente iguais e as duplicações / repetições de texto não são todavia exclusivas do caso citado.

objecto de atenção passa pela cartografia e pela inexistência de cartas numa fase em que tecnicamente seria especialmente difícil encontrar soluções satisfatórias neste domínio específico. Afirma Nugent:

We intended to accompany this work with maps, the use of which is so very necessary to travellers; but upon mature reflection, we have altered our mind, as nothing of that sort could be inserted in a book of so small a size, but what must be so paltry and imperfect, as would rather mislead than instruct the reader. Gentlemen ought therefore to be provided with larger maps which they may carry about them without much trouble, by rolling them upon round sticks.

To conclude, as this is the first attempt of the kind towards improving that noble and ancient custom of travelling, a custom so visibly tending to enrich the mind with knowledge, to rectify the judgment, to compose the outward manners, and to form the complete gentleman, it is humbly hoped that the intent may be acceptable to the public, though we should happen to have failed in the execution. («The Grand Tour», 1749, p. VII).

Neste período, e até finais de século, merecem ainda destaque por constituírem obras construídas seguindo uma estrutura diversa, a partir de cartas escritas em 1760 no caso da publicação «A journey from London to Genoa, Through England, Portugal, Spain and France» por Joseph Baretti impresso por T. Davis (3ª ed. 1770) ou, mantendo um cunho de dominante pessoal, «An Account of the most Remarkable Places and curiosities in Spain and Portugal» por Udal ap Rhys, impresso por Osborn em 1749. São ainda numerosos os guias de cidade publicados, destacando-se desde logo a «Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto...» por Agostinho Rebelo da Costa (1789) que, entre os motivos para a publicação, para além das muitas inexactidões a corrigir e do repúdio pela cópia sistemática entre autores, evoca a importância do tipo de «obra» ao ponto de terem sido, como afirma, elaboradas descrições de «Pariz, Orleans, Bourdeaux, Marselha [ou de] Londres, Cantorberi [e] Yorck». A cidade do Porto «... merece tão pouco a alguns Geógrafos estrangeiros que absolutamente falam dela com pouca ou nenhuma exactidão. Copiam-se uns aos outros e os erros se multiplicam infinitamente» (Rebelo da Costa, 1789, p. IX).

Muitos dos trabalhos constituem relatos na primeira pessoa que são transformados, rapidamente, numa forma de convite à realização de percursos idênticos, minuciosos apontamentos de viagem para «gozo pessoal» como destinados a «assistir» os amigos quando viajam para o estrangeiro (A Hand-book for travellers on the continent..., Murray, 1836). O arranque dos guias de viagem, todavia, passa também pela consolidação de uma nova fórmula e pelo fortalecimento de uma organização em parte proposta no «Grand Tour», que será vulgarizada como o modelo da viagem ao continente.

4. A viagem ao continente

O tema das viagens, tendo entrado indubitavelmente no conhecimento do europeu no século XVIII, já ao longo do século XIX foi-se banalizando passando a constituir algo de mais próximo, desejável e concretizável. A publicação e sucessivas reedições de obras tão diversas como as viagens de James Bruce às nascentes do Nilo, do Capitão Cook pelos mares do sul ou de Norden ao Egipto⁵, constituíram importantes espoletas de um

⁵ Veja-se por exemplo a *Bibliothèque Portative des Voyages*, Traduite de l'Anglais Par Mm. Henry et Breton, Tome I-XLII,

interesse que foi consubstanciado com a melhoria técnica na indústria livreira, com o aumento da facilidade de deslocação pelos estradas, rios e canais europeus, ao que se acrescenta a evolução do transporte ferroviário em particular no segundo quartel do século XIX. Ao conjunto de factos enunciado cabe acrescentar o significado da pacificação europeia posterior a Waterloo, que veio permitir deslocações seguras pelo espaço europeu, nomeadamente pelo sul, mesmo quando eram identificáveis bolsas de insegurança por exemplo nos Alpes em resultado do desmembramento dos exércitos⁶.

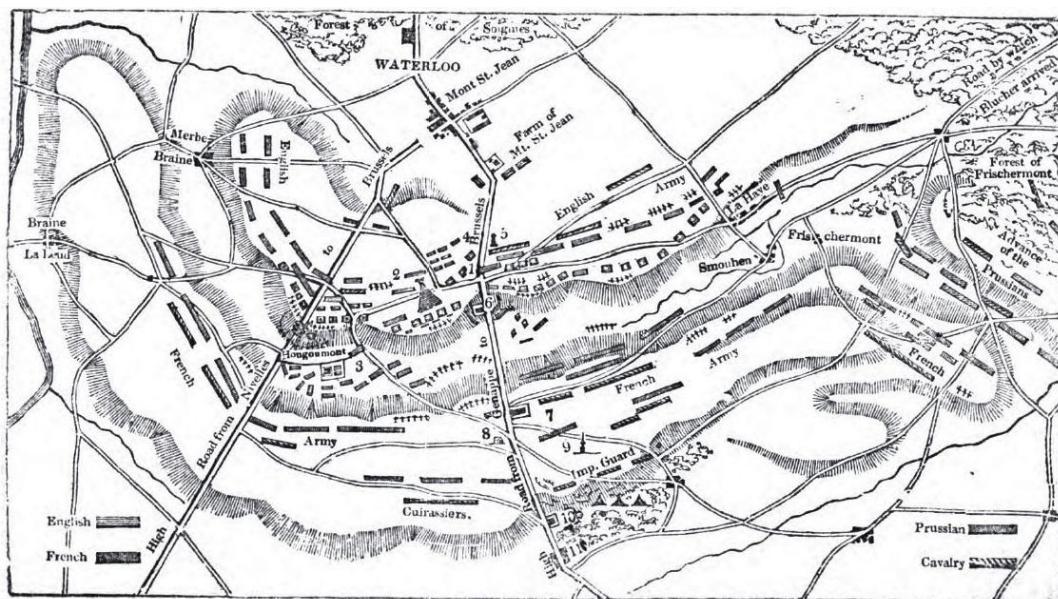


Figura 2. O campo de batalha de Waterloo (Murray, «A hand-book for travellers on the continent: being a guide through Holland, Belgium ...», 1838, p. 153)

De qualquer forma, a paz libertou as planícies europeias das forças contendoras e os visitantes começaram a chegar à medida que os anos de guerra iam sendo ultrapassados em favor de uma nova vontade de viajar que os países também estimulavam. Benjamin Colbert num interessante texto sobre viagens refere explicitamente a importância da restituição da paz citando um artigo publicado na «The Edinburgh Review, or Critical Journal» referente a Março ... Agosto de 1817. O texto pode ser lido como a chave da explosão das viagens e dos guias de viagem.

«The restoration of peace has, as might have been foreseen, produced a vast number of Books of Travels. When our countrymen are pouring in swarms over every part of the Continent, carrying with them their sons fresh from College, and their daughters full of romance, and eager for composition – when countries which, two or three years ago, were wholly locked up from our inspection, or only accessible to persons of a mere than ordinarily adventurous spirit, now lie as invitingly open to the sober citizen and his worthy family, as

PARIS, Mme Vo LEPETIT, libraire, rue Pavée-Saint-André-des-Arcs, n.º 2. 1817.

⁶ O tema à tratado numa nota - a «Advertisement» - inscrita tanto em «Travels on the continent: written for the use and particular information of Travellers» da obra de Mariana Starke de 1820, editada por Murray como em «Information and directions for travellers on the Continent», uma quinta edição da mesma autora (Paris, Galignani, 1826).

Margate or Brighton, it could not but follow that the press should groan with many a Tour – much Travel – and sundry masses of Letters that never paid postage.» «The Edinburgh Review, or Critical Journal». Art. V. Travels through France and Germany, in the Years 1815, 1816, and 1817, comprising a View of the Moral, Political, and Social State of those Countries; interspersed with numerous Historical and Political Anecdotes, derived from Authentic Sources. By J. Jorgenson, Esq. 8vo. pp. 432, Cadell & Davies. London, 1817. p. 371.

Os guias de viagem que marcaram o crescimento deste tipo de publicação incluem autores como Mariana Starke (Itália), Shreiber (Reno), Reichard (França e Bélgica) ou William Beckford (Itália, Espanha e Portugal). Entre os editores, livreiros e impressores avultam claramente Baedeker e Murray, complementados por nomes como Leigh, Engelmann ou Galignani, ainda que Karl Baedeker e John Murray figurem simultaneamente como autores e editores.

As designações das diferentes publicações, também face à diversidade de autores e editores, são muito variadas constituindo uma incontornável evidência do(s) objectivo(s) a atingir na relação com os viajantes. «Travels on the continent: written for the use and particular information of travellers» de Mariana Starke e edição de John Murray, constitui um título que marca as primeiras décadas do século XIX estando na base da consolidação do interesse pelas viagens. Os fundamentos da obra assentam na republicação das «Letters from Italy» pretendendo constituir-se como «Guide for travellers», uma publicação de apoio aos viajantes que regressam ao continente depois da “paz de 1814”. Os guias tornavam-se necessários, segundo Starke, como «testemunho ocular» das alterações que tiveram lugar na sequência dos acontecimentos dos últimos vinte anos⁷ que alteraram profundamente «a ordem das coisas», no que respeita às estradas, acomodações e obras de arte. Mariana Starke remete para uma das questões mais constantes dos guias, aquela que se refere ao conhecimento pessoal dos locais descritos, dando razão aos “críticos” que referem as cópias sucessivas e despidoradas de textos. Conforto, informação e gastos, na linha do «The Grand Tour», constituem preocupações explícitas no arranque da obra suscitando referências ao alojamento e às estalagens que aumentaram na França, Suíça e Itália ou à qualidade das estradas ao longo das quais «fine bridges» vieram substituir «ferry-boats» particularmente perigosos.

5. Uma jornada pelas belezas do lugar

As obras recolhidas e consultadas, com dimensões variáveis entre as cerca de duzentas e mais de setecentas páginas, constituem uma notável colecção de soluções com uma diversa capacidade de sedução sobre os visitantes. Da jornada ao itinerário, do turista ao viajante, do prazer ao pitoresco e às belezas, do manual ao guia ou da Escócia ao Reno, a variedade de títulos revela tanto da variedade de autores, editores e tipógrafos, como sobre a diversidade dos turistas, das suas origens e dos seus destinos.

A journey... The tourist's pocket journal... A hand-book for travellers on the continent ... The travellers' guide

⁷ A «Introdução» está datada de Outubro de 1819. «Travels on the continent ...», 1820, p. xi.

down the Rhine... An account of the principal pleasure tours ... Black's picturesque tourist ... Guide du voyageur sur ... Itinéraire descriptif et historique des bords du Rhin ... Manuel des voyageurs sur le Rhin ... Manuel du voyageur ... Leigh's new pocket road-book of Scotland ... The beauties of Scotland ...

De qualquer forma, para além das cidades – Londres e Paris – da sempre presente Itália – de Veneza, a Florença, a Pisa e a Roma –, o Reno – da nascente à foz – afirma-se, a partir das primeiras décadas do século XIX, como um destino de eleição, nomeadamente com as publicações dos trabalhos de Schreiber, Joanne e Baedeker. Por meados dos anos cinquenta “graças aos caminhos-de-ferro e aos barcos a vapor, pode-se aí fazer interessantes excursões que não exigem nem muito tempo nem muito dinheiro”⁸. Joanne refere o rápido crescimento dos viajantes no Reno, entre Colónia e Mainz, de 18.000 em 1827 para cerca de 1.000.000 em 1853, assente no aparecimento da “Compagnie de Cologne”, a primeira a estabelecer um serviço regular de navegação a vapor, e posteriormente com o início de actividade da “Compagnie de Dusseldorf”, que nasce por finais dos anos trinta⁹.

Quadro 1. Passageiros transportados entre
“Mayence” e “Cologne”

Ano	Nº passageiros
1827	18000
1837	150000
1839	487000
1840	636000
1851	800000
1853	± 1000000

Fonte: Adolphe Joanne, 1854, p. Xxxiii

Registe-se, de qualquer forma, que independentemente das referências aos percursos pelo Sul da Europa até ao Mar Mediterrâneo, inclusivamente sendo possível ler, por inícios do século XIX, que os londrinos conheciam melhor Roma do que alguns dos bairros populares da capital britânica, ou o grande interesse por territórios distantes do Médio Oriente, da Ásia ou de Africa, os europeus são confrontados com numerosas publicações sobre o Reino Unido, Escócia ou Irlanda assim como sobre o Reno, da foz à nascente. Estas orientações sublinham que a divulgação das viagens grandemente estimulada pelos transportes, pela vertigem da velocidade e pelo agrado da comodidade, teve na primeira metade do século XIX uma muito significativa expressão de proximidade, para destinos visitáveis em três ou quatro dias com a melhoria dos meios de transporte disponíveis.

⁸ Traduzido do prefácio de Adolphe Joanne – «Itinéraire descriptif et historique des bords du Rhin du Neckar et de la Moselle», Paris, L. Maison, Editeur, 1854.

⁹ Adolphe Joanne, 1854, p. xxxiii.

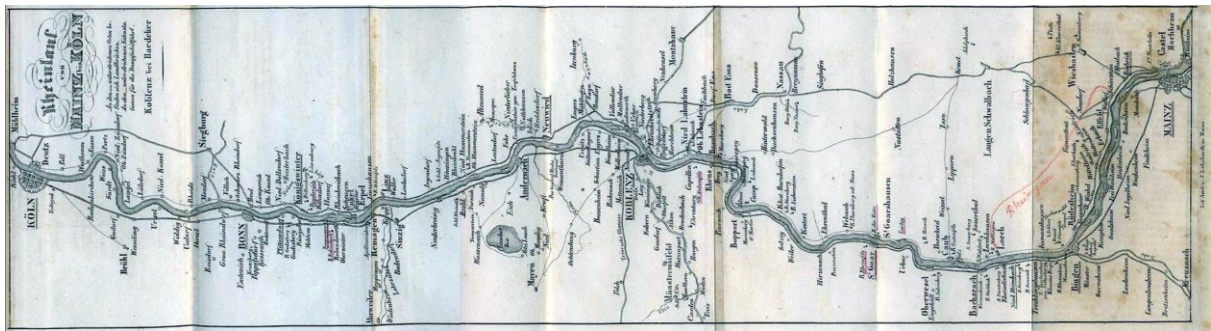


Figura 3. O Reno de Colónia a Mainz

6. Das intenções dos autores e dos interesses dos viajantes

Exactos, sensatos e sucintos (accurately, sensibly and succinctly) são adjectivos empregues pelo periódico Nation de Nova York para elogiar o guia Beadeker nos anos sessenta do século XIX. Estes qualificativos transcritos para autopromoção e incluídos em diversas publicações deste editor constituem referências essenciais aos guias de viagem e não apenas deste incontornável editor.

Os debates travados, os comentários produzidos ou as afirmações contidas em diversos prólogos e introduções, bem como os aspectos destacados em trabalhos de investigação, permitem acrescentar outros atributos igualmente relevantes para o sucesso, para a «aceitação», destas publicações a exemplo da fiabilidade da informação e dos autores, pressupondo que o conteúdo dos guias reflecte a experiência vivida nos locais citados. Acresce a dimensão prática ou operativa dos guias, incluindo as preocupações com o preço dos serviços disponíveis tanto do transporte, como do alojamento ou do acesso a locais de visita, bem como preocupações muito claras com a qualidade do alojamento disponível, significando a inclusão na lista dos hotéis uma certificação implícita ao estabelecimento.

O conteúdo dos livros e a qualidade da informação veiculada acarretam igualmente cuidados com a origem e a idoneidade das fontes como está patente na publicação de Murray sobre a Itália do Norte (1858) quando cita explicitamente o recurso a autores de referência sobre arquitectura, história de arte ou arqueologia. Alguns dos lugares visitados justificam igualmente a inclusão de informação sobre produção agrícola – o vinho nos guias Baedeker – e industrial, sobre estradas, pontos de vista – a procura da vista de pássaro em algum campanário como propõe Murray – moeda e passaportes.

Algumas das edições de John Murray, dos anos trinta a cinquenta, transcrevem textos de autores e figuras de referência com “máximas e sugestões” que constituem, acima de tudo, a apologia das viagens com conteúdos que tocam o conhecimento, a formação, a experiência ou o prazer. Assim como é possível negar esse deleite quando no «Handbook for travellers in Portugal» é afirmado, com enorme sobrançeria e seguramente com uma notável proximidade ao sentir da época, que «... um português parece no presente incapaz de compreender a ideia de viajar por prazer através do seu país» (Murray, 1855 ou 1864, p. ix).

Baedeker destaca a opinião da imprensa pondo em evidência algumas das qualidades mais relevantes das publicações como a dimensão adequada a um manuseamento fácil, a quantidade de informação conforme com o interesse do viajante, a purga do excesso de particularidades ou o arranjo e a gestão da cartografia.

«Baedeker's Paris is an excellent book for nine out of every ten visitors to Paris. It tells all they want, and not more than they want ... Although it contains much letter-press, it will really go easily into the pocket. The maps are very ingeniously managed. Calais, Boulogne, Dieppe and Rouen have all their maps and short remarks. The routes to London, the Rhine and Switzerland are all described. There are also numerous plans». London, 1865. Reader.

«We should be inclined to prefer Baedeker, who judiciously notes briefly the more essential points, but has not room to distract you with too many particulars; and you are not tempted to waste time in reading when you should be looking ... The numerous maps and plans of cities with which the work is furnished are the best and most conveniently arranged we have ever seen in a guide-book». Edinburgh, 1867. Scotsman.

7. Os guias e a cartografia

“With travelling map”. Esta referência consta da capa do «Handebook for Belgium and the Rhine» de John Murray publicado em Londres em 1852. A inclusão de mapas e plantas¹⁰ nos guias de viagem constituiu um importante argumento de afirmação dos guias e em simultâneo um elemento de distinção entre os diversos projectos editoriais. Sendo certo que a cartografia representa uma pequena parte do saber fazer relacionado com este tipo de publicação, não é menos certo que entre as componentes mais facilmente distinguíveis se encontra a cartografia representada. A cartografia já para Nugent no Grand Tour constituía um instrumento fundamental do viajante mesmo quando o autor escreve ser difícil incluir cartografia adequada em publicações de tão reduzidas dimensões ainda que este desafio possa ter sido superado seguramente em Londres e em Paris na segunda metade do século através de plantas publicadas em tiras paralelas desdobráveis.

A cartografia traduz, no entanto, bastante mais da evolução dos guias de viagem na medida em que se torna evidente ao longo do século XIX uma redução do número de páginas e o aumento dos mapas e plantas. O aumento dos guias ocorre com o aumento da experiência das casas editoras e constitui um elemento distintivo das publicações objectivamente com maior divulgação a exemplo dos guias Baedeker, Murray, já citados, ou dos guias Joanne. A informação é apresentada de forma mais ajustada às viagens a realizar e perde um pouco do carácter enciclopédico que possa ter exibido essencialmente ao longo do século XVIII e parte do século XIX, sendo possível, a partir da estrutura de um único guia, publicar diversos outros.

O «Itinéraire descriptif et historique des Bords du Rhin...», de Adolphe Joanne, «renferme un véritable atlas – quinze cartes e douze plans de villes – qui a été dressé et gravé tout exprès, d'après les meilleures cartes allemandes, par M. Dufour, Mademoiselle Marie Dufour, MM. Gérin, Sengteller et Langevin» (Joanne, 1854, pp. j-k). As cartas incluídas no trabalho servem de suporte aos itinerários descritos com a sucessão de etapas assinaladas e descritas.

¹⁰ A utilização dos termos «mapas» e «plantas» representa uma tradução expedita, sem outras preocupações conceptuais, de «maps» e «plans» das versões em língua inglesa, enquanto em francês são empregues «cartes» e «plans» e em alemão «karten» e «planen».

No Manual do viajante na Suíça, Joanne dedica alguns parágrafos da introdução a uma avaliação das diversas cartas disponíveis que podiam, à época, ser utilizadas pelos visitantes. É feita referência logo na página de título à inclusão da carta de Keller, por ser a única “transportável”, ainda que no capítulo “H” a propósito de “Cartas e plantas” seja afirmado que a referida carta não merecia a reputação de que gozava na medida em que tinha sido mal gravada e era muito inexacta.

A relação dos guias com a cartografia, de qualquer forma, será mais facilmente analisada a partir da informação disponível para os guias Baedeker. Reunindo dados a partir de páginas promocionais dos guias, de consultas em bibliotecas digitais, da consulta do catálogo da “Library of Congress” sobre os livros de bolso (hand-books) Baedeker e o endereço electrónico bdkr.com, foi possível identificar a estabilização do número de páginas dos livros guia, inclusivamente com diminuições entre os anos cinquenta e os anos noventa, e o aumento do número de mapas e plantas.

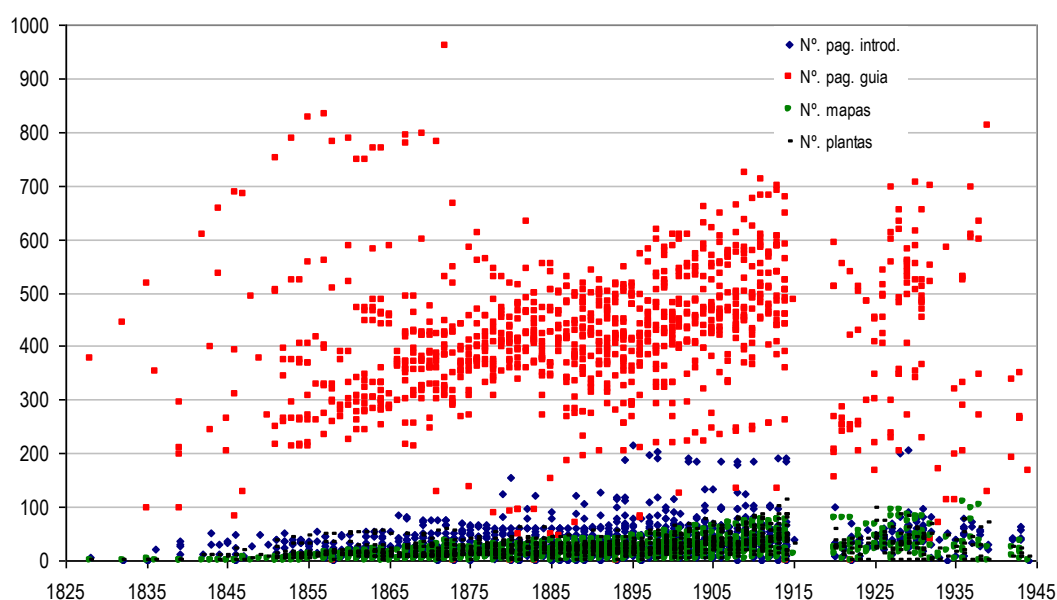


Figura 4. Evolução do número de páginas, mapas e plantas dos guias Baedeker

A cartografia tanto através do número de mapas como de plantas aumentou significativamente a partir dos anos cinquenta correspondendo também ao aumento do número de guias editados. Torna-se claro que a cartografia constitui o mais forte elemento de diferenciação dos guias, substituindo amplamente a iconografia de períodos anteriores e, admitindo como verosímeis as afirmações de críticos e autores, com a aceitação e satisfação geral dos viajantes.

Acresce que a cartografia para além da estrutura que foi estabilizada pelos anos 30, ainda que com aproximações a obras anteriores como é exemplo o «Grand Tour», constitui um dos elementos com maior significado na mudança a que se vai assistindo, inclusivamente na forma de comunicação com os viajantes.

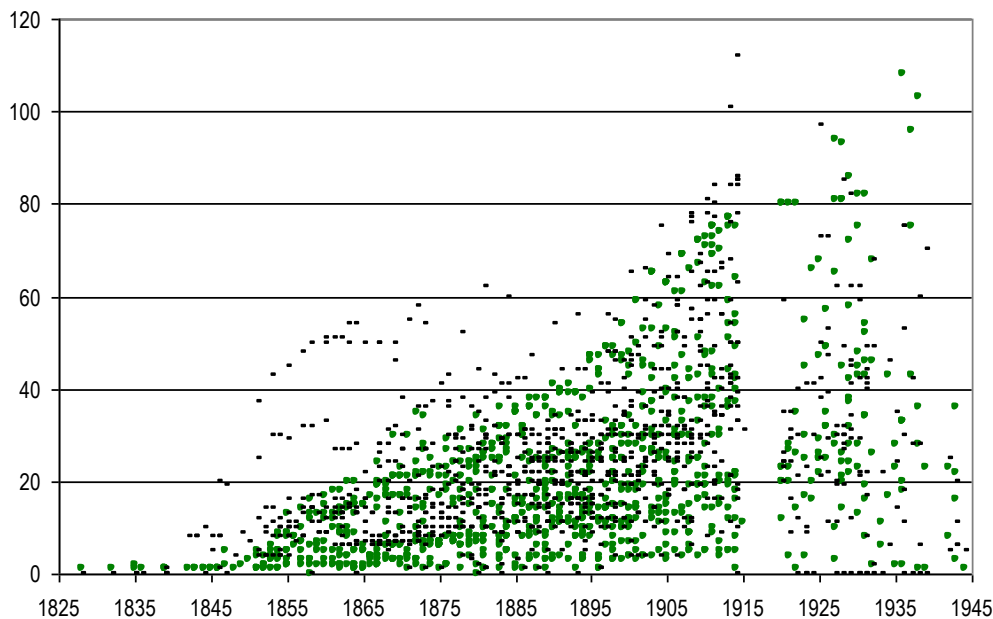


Figura 5. Evolução do número de mapas e plantas incluídos nos guias Baedeker

Entre os elementos mais destacados introduzidos pelos guias Murray sublinhe-se, pelos anos cinquenta, a organização da informação a partir de uma quadrícula de referência inscrita em cartas do «Hand-book for travellers on the continent...» como as de “Amsterdam” ou “Antwerp”, identificáveis pelo menos a partir de 1853. Na primeira é utilizado o sistema de coordenadas A1 / H6, enquanto na segunda as coordenadas inscritas são Aa / Hg, ambas gravadas por J. & C. Walker. A gestão da informação nas cartas dos guias Baedeker passa inicialmente pela inscrição de uma numeração que acompanha os edifícios e monumentos mais importantes, lista inscrita na mesma página da carta, permitindo dessa forma agilizar a leitura por parte dos utilizadores dos livros. Pelos anos 60 são identificáveis modos de comunicação nos guias Baedeker semelhantes aos dos guias Murray.

A cartografia tem de qualquer forma um significativo papel na formação de base, contribuindo para clarificar a organização da viagem pelos menos entre os mais inexperientes. No guia dos «Bords do Rhin... » afirma-se que as cartas não sendo demasiado detalhadas serão suficientes para orientar o estrangeiro, que fará bem em marcar previamente os edifícios e locais a visitar com “lápiz vermelho”, preparando uma síntese dos percursos a seguir (Baedeker, 1862, p. iv).

8. Lançar debates futuros

O reverendo John Wilson Cunningham na obra «Cautions to Continental Travellers», de 1818, alertava para os perigos da moda das viagens e da contaminação de costumes a que estariam expostos os mais de 90.000 ingleses que, depois de 1814 apenas em dois anos, partiram para destinos continentais. O aviso, obviamente, não foi suficientemente atempado ou levado em linha de conta e a moda das viagens turísticas rapidamente se

vulgarizou. Anos volvidos, os sucessores desses pioneiros, no registo de alguns cronistas, transportavam na bagagem um Murray e um Byron, obras que definiam balizas entre a orientação e o sentimento.

Viajantes de outras nacionalidades percorriam do mesmo modo esta Europa em fase de consolidação de novos processos organizativos pelo Reno, pela Suíça ou pela Itália, na medida em que eram fortalecidas as fundações de um continente a «encolher» através da instigação de um trinómio constituído pela paz, pelas estradas e pela velocidade. A este conjunto deve ser sobreponível uma outra dimensão que assegura a relação entre viagens, cartografia e turismo, realçando aspectos centrais do processo de evolução civilizacional intensificado ao longo do século XIX e que os elementos apresentados ao longo deste trabalho permitem evidenciar. Os dois planos evocados firmam-se no cruzamento com os grandes acontecimentos do século XIX – do vapor às exposições universais – na vontade de conhecer que agora parece transcender amplamente o “selecto” e restrito grupo integrado por uns quantos “tourists”, em fase de formação.

Pelos anos quarenta e cinquenta do século XIX, o forte crescimento das viagens, que por exemplo os números dos passageiros transportados no Reno evidenciam, foi acompanhado também pelo crescimento da publicação de guias de viagem e em simultâneo pelo aumento do número de cartas que os integram, constituindo um facto em evidência nos dados disponíveis. Os fragmentos de leitura e de pesquisa “carreados” permitem, de alguma forma, colocar em evidência neste texto o peso e a importância crescente da cartografia inscrita nos livros guia a partir de meados dos anos cinquenta até finais do século. Ficam por tratar, de qualquer forma, diversos aspectos relevantes sobre o percurso dos autores, dos editores, dos distribuidores ou dos produtores de cartografia. Ficam igualmente por tratar as relações entre os editores e os processos de tradução e distribuição, assim como será ainda necessário discutir o problema da cópia e das sérias acusações trocadas entre autores e editores, entre as quais avulta a denúncia de Louis Maisson acerca do plágio de Baedeker ao trabalho de Joanne sobre o guia da Suíça.

Finalmente, torna-se evidente que os livros-guia, dispensando floreios de erudição e dispensando o excesso de informação, foram ao indispensável, encontrando-se em torno da cartografia uma importante ferramenta de apoio aos viajantes, muito para além do “tourist” como em diferentes momentos foi sublinhado neste texto, e simultaneamente uma incontornável vertente de inovação, em debate e apuramento pelo menos desde os trabalhos do século XVIII, que orientou o “mergulho” no conhecimento de novos países e no prazer da viagem tendo por parceiros inumeráveis livros-guia.

Bibliografia e fontes (impresas e electrónicas)

- BAEDEKER, Karl – *A Handbook for travellers on the Rhine, from Switzerland to Holland*, London / Coblenz, J. Murray / K. Baedeker, 1861, 260 p.. url: <http://www.google.com/>
- BAEDEKER, Karl – *Les Bords du Rhin depuis Bâle Jusqu'à la frontière de Hollande*, 5ª ed., Coblenz, K. Baedeker, Éditeur, 1862, 334 p.. url: <http://www.google.com/>
- Baedeker's handbook(s) for Travellers. A bibliography of English editions published prior to World War II.* Library of Congress Cataloging in Publication Data, Williamhouse-Regency, Inc. 1975, Greenwood Press. 1976.
- BARETTI, Joseph – *A journey from London to Genoa, Through England, Portugal, Spain and France*, 3ª ed., T. Davis, 1770.
- BEEVERELL, James – *Les Delices de la Grand Bretagne & de L'Irlande*, Leide, Pierre Vander Aa, 1707.
- CAPEL, Horacio – *Geografía y arte apodémica en el siglo de los viajes*, «Geo Crítica», Universidad de Barcelona, Año IX. Nº 56, Marzo de 1985. <http://www.ub.edu/geocrit/geo56.htm>
- COLBERT, Benjamin – *Bibliography of British travel writing, 1780 – 1840, the European tour, 1814–1818 (excluding Britain and Ireland)*. http://www.cardiff.ac.uk/encap/journals/corvey/articles/printer/cc13_n01.html
- COLMENAR, Juan Alvarez De – *Les Delices de L'Espagne Et Du Portugal*, Leide (Leiden), Pierre Vander Aa, Tome 1- 5, 1707.
- COLMENAR, Juan Alvarez De – *Les Delices de L'Espagne Et Du Portugal, Nouvelle edition, Revüe, Corrigée et beaucoup Augmentée*, Leide, Chez Pierre Vander Aa, 6 Tomes, 1715.
- COLMENAR, Juan Alvarez De – *Annales d'Espagne et de Portugal*, Amsterdam, François L'Honoré & Fils, 1741 (quatro volumes).
- COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, Porto, 1789.
- CUNNINGHAM, J. W. – *Cautions to continental travellers*, 2ª ed, London, 1823 (1ªed. 1818). <http://www.archive.org/>
- DEVY-VARETA, Nicole – *Les Voyages de savants en Europe et le développement des idées géographiques dans le Portugal du XIXe siècle*, «Finisterra», XXXIII, 65, 1998, pp. 175-183.
- FÚSTER, Luís Fernandez – *Historia general del turismo de masas*, Alianza Editorial, 1991.
- GARCIA, João Carlos; MOREIRA, Luís Miguel – *El geógrafo trabaja en su casa»: espaços portuguesas na produção cartográfica de Tomás López*, «Península. Revista de Estudos Ibéricos», n.º 5, 2008: 103-125. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4709.pdf>
- HINRICHSEN, Alex W. – *Baedeker's Travel Guides 1832-1990*, 2nd edition, 2008. url: bdkr.com.
- JOANNE, Adolphe – *Guide du voyageur en Europe*, 2ª ed., Paris, Hachette, 1867, 984 p..S.
- JOANNE, Adolphe – *Itinéraire descriptif et historique des bords du Rhin du Neckar et de la Moselle*, Paris, L. Maison, Editeur, 1854.
- JOANNE, Adolphe – *Manuel du voyageur en Suisse et dans la vallée de Chamonix*, 11ª ed., Paris, L. Maison, 1853, 544 p..
- LEMA, Paula Bordalo – *Desde a origem, uma geografia das viagens*, «Finisterra», nº XXXIV, 67-68, 1999, pp. 37-45.
- MATOS, Ana Cardoso de; SANTOS, Maria Luísa F.N. dos – *Os guias de turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais de século xix às primeiras décadas do século xx)*, Geo Crítica, Scripta Nova, Revista electrónica de Geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, Vol. VIII, núm. 167, 15 de junio de 2004. <http://www.ub.edu/geocrit/>
- MURRAY, John – *A Handbook for travellers on the continent: being a guide to Holland, Belgium, Prussia, and Northern Germany and along the Rhin, from Holland to Switzerland*, London, 1836, 462 p..
- MURRAY, John (ed.) – *A Handbook for travellers on the continent: being a guide to Holland, Belgium, Prussia, Northern Germany and the Rhin from Holland to Switzerland*, 9ª ed., London, John Murray, 1853, 567 p..
- MURRAY, John (ed.) – *A Handbook for travellers in Northern Italy*, Seventh Edition, London, 1858.
- MURRAY, John (ed.) – *A Handbook for travellers in Portugal*, London, 1855.
- MURRAY, John (ed.) – *A Handbook for travellers in Portugal*, Third Edition, London, 1864.
- NUGENT, Thomas – *The grand tour. Containing an exact description of most of the cities, towns, and remarkable places of Europe*, London, S. Birt, Volume 1-4, 1749.
- PEQUEGNOT, A . – *L'Indispensable, ou nouveau Conducteur des Étrangers dans Paris*, Paris, Danlos Editeur,

1842.

RAUCH, André – *Le voyageur et le touriste*, «In Situ» [En ligne], 15, 2011, mis en ligne le 29 juin 2011.
<http://insitu.revues.org/533>.

ROGISSART, A. de – *Les Delices de L'Italie*, Leide, Pierre Vander Aa, 1706.

STARKE, Mariana – *Information and Directions for Travellers on the Continent*, Fifth Edition, Paris, A. and W. Galignani, 1826.

STARKE, Mariana – *Travels on the continent: written for the use and particular information of Travellers*, London, John Murray, 1820.

SERRANO, Maria del Mar – *Viajes y viajeros por la España del siglo XIX*, «Geo Crítica», Universidad de Barcelona, Año XVII. Número: 98, Septiembre de 1993. <http://www.ub.es/geocrit/menu.htm>

RHYS, Udal Ap – *An Account of the most Remarkable Places and curiosities in Spain and Portugal*, London, J. Osborn, 1749.

VERDIER, Nicolas – *Les formes du voyage: cartes et espaces des guides de voyage*, «In Situ» [En ligne], 15, 2011, mis en ligne le 29 juin 2011. URL : <http://insitu.revues.org/573>.

Endereços eletrônicos por url: (uniform resource locator)

<http://openlibrary.org/works/>

<http://www.archive.org/>

<http://www.bdkr.com/>

<http://www.google.com/>